

São Jorge contra o dragão

Será penoso repetir, nesta quadra histórica extremamente conturbada, os erros do passado, deixando fugir, por força da cultura de uma retórica distante da realidade brasileira, a possibilidade de fazer o Brasil ascender, por suas potencialidades, à posição que lhe cabe no concerto das nações. O presidente José Sarney parece não ter dado conta do alcance que têm as palavras do presidente do Brasil quando proferidas em país estrangeiro; se tivesse realmente consciência do peso específico desta nação, não reclamaria, em Montevidéu, a construção de uma nova ordem econômica internacional sem especificar o que entende por tal — e não reclamaria, nos foros em que fez presente a reivindicação brasileira, pelo simples e bom motivo de que nosso país é a oitava potência econômica do mundo e acumula saldos comerciais positivos com os países da América Latina, além de registrá-los, e altos, com os Estados Unidos.

A crise brasileira pode ser referida à do Hemisfério, ou mais precisamente à da América Latina, apenas em termos. Tal qual os países vizinhos, o Brasil deve à comunidade financeira internacional; da mesma forma, sofre os efeitos dos chamados *terms of trade* (isto é, os produtos manufaturados que importa têm seu preço aumentado mais e mais depressa do que os preços das matérias-primas que exporta); assim como eles, aceita, ainda que da boca para fora, as regras do FMI (as quais ajudou a estabelecer) ou corre o risco de excluir-se da comunidade financeira internacional.

Terminam aí as semelhanças e começam as diferenças: o Brasil se beneficia, nas suas relações com muitos parceiros comerciais, dos *terms of trade*, na medida em que os produtos manufaturados compõem hoje a maior parte de suas exportações; a pujança de sua economia faz dele um ser à parte no conjunto dos países latino-americanos, aproximando-o muito mais dos países industrializados do que dos em desenvolvimento. Por isso, reclamar uma nova ordem internacional para a economia — sem especificar o que se entende por tal — é seguir como caudatário as trilhas que a demagogia de alguns presidentes mexicanos já conseguiu abrir, sem acrescentar coisa alguma à melhora das relações entre os industrializados e o chamado Terceiro Mundo.

Afinal de contas, um país que fe-

cha importações, estabelece reserva de mercados para os produtos que o nacional-oligárquismo eleger e procura alcançar auto-suficiência na produção de artigos que constituem itens importantes na pauta de exportação de seus vizinhos não pode protestar genericamente contra as barreiras protecionistas norte-americanas. Seria bom ter presente, antes de ceder aos impulsos da retórica, que o Brasil vem acumulando saldos positivos no seu comércio com os Estados Unidos e que a balança comercial norte-americana com o mundo mais uma vez será deficitária, este ano, em cerca de 70 bilhões de dólares... Em outras palavras, o protecionismo norte-americano, danoso para muitas indústrias brasileiras, não consegue impedir a sangria de divisas nem a crise em muitos setores industriais dos Estados Unidos, incapazes de concorrer com os dos países em desenvolvimento.

A visita presidencial ao Uruguai pouco acrescentou às relações entre os dois países pela simples razão de que o ideal integracionista reside hoje muito mais nas palavras do que nos atos. Permitiu, porém, que alguns pequenos grupos de nacionalistas uruguaios extremados levantassem cartazes protestando contra a "ocupação" do que consideram território uruguaião pelo Brasil — as eternas questões de limites que vêm desde o Império. Não que sejamos contra o ideal; pelo contrário, temos sempre defendido o mais perfeito e harmônico entendimento entre o Brasil e seus vizinhos, o qual se concluirá, sem sombra de dúvida, pela integração de suas economias, desde que complementares e não concorrentes. Para chegar-se lá, no entanto, é preciso superar não apenas preconceitos nacionalistas (que surgem sempre na parte mais fraca da relação) como interesses econômicos que trabalham contra esses ideais. Se o Mercado Comum Europeu ainda não é a realidade que se imagina, isso decorre em boa medida do fato de os interesses setoriais (e nacionais) da agricultura impedirem a perfeita integração das economias européias.

Agora, o sr. presidente da República está de volta ao Brasil. A retórica integracionista poderá ficar arquivada até a Assembléia Geral da ONU, quando s. exa. terá ocasião de falar sobre idênticos assuntos, na linha do presidente João Figueiredo. Os "dragões de fogo" a que aludiu em Montevidéu estão aqui, no entanto, à espera do São

Jorge que seja capaz de vencê-los a todos: a inflação, a recessão e o retrocesso. A rigor, para não dar ao sr. José Sarney tarefas herculeas, esses três dragões são um só: a inflação, que, além de fazer tudo aquilo que s. exa. disse ser sua obra satânica, destrói a confiança do povo no governo, solapa a moralidade e cria a recessão, que provoca, sob o nome de estagflação, o retrocesso, quando se percebe que não há São Jorge disposto a enfrentar o monstro.

O presidente sabe quais as medidas que deve adotar para vencer o dragão: a primeira delas é pôr ordem na casa e convencer-se de que a opinião pública, longe de louvá-lo por manter durante tanto tempo o Ministério do dr. Tancredo Neves, tem o direito de conhecer quais as preferências do presidente da República. Os mortos governam os vivos, mas noutro sentido, mais profundo, não nesse, mesquinho, de os vivos se considerarem herdeiros de políticas não reveladas pelos mortos. A segunda providência é combater a inflação de acordo com as normas que são clássicas. País algum cresce com inflação de 300% ao ano, ou mesmo 180%. Os investimentos se retraem se a taxa de inflação chega a esse patamar; os capitais destinados à produção desviam-se para a especulação financeira; a recessão se instala e o retrocesso pode vir. Para impedir isso, o presidente sabe como agir — é só não perder mais uma oportunidade, à espera de que o milagre aconteça, isto é, que não haja déficit de caixa do Tesouro Nacional.

O problema com os dragões é que o fogo que soltam pela boca assusta mais do que sua própria figura — quem mais do que o fogo dos marimbondos e leva as criaturas a deles fugir em pânico. Apenas quem sabe disso é capaz de enfrentá-los, se tiver, evidentemente, a ampará-lo a credibilidade das populações. O sr. José Sarney deve empunhar a lança, cavalgar o corcel branco e dar combate ao dragão antes que a figura de São Jorge seja retirada da hagiografia pela CNBB, que não deseja conviver com essas credícies populares de São Jorge matando o dragão. Se se perder em considerações metafísicas e deixar de assumir o poder que de fato tem por ser seu de direito, corre o risco de ver o fogo do dragão alastrar-se e a inflação tornar-se incontrolável. Só que desta vez não será por culpa do FMI.